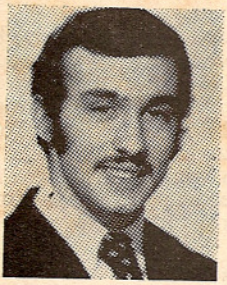
António Manuel M. Rocha

Morreu o ROCHITA!

Foi assim que eu recebi a dura e cruel nova, sem que nesse momento me apercebesse bem da triste realidade de um facto, infelizmente consumado. À emoção vivida pelo impacto do acontecimento sobreveio de imediato, no meu subconsciente, a figura franzina do pequeno e



azougado Rochita (como intimamente era tratado por todos os seus amigos), que eu vira pela última vez no domingo anterior, no derradeiro jogo de futebol da sua vida de exemplar desportista, envergando, como sempre garbosamente, a sua única camisola — a do Sintrense —, que ele defendia há dez anos!

O Rochita, pletórico de juventude, afável e generoso, partiu abruptamente, para sempre, do nosso convívio, deixando-nos um rasto de saudade difícil de se apagar, mesmo neste tumultuar quotidiano, cada vez mais egoista e mais esquecido do homem pelo homem.

Não, Rochita, tu — que para muitos de nós não eras um amigo dos intimos — eras e foste um exemplo de moço, de nobreza de carácter e de irradiante simpatia, que a todos sabias naturalmente prender e cativar, e por isso tu, caro e nobre amigo, jamais serás olvidado, antes serás sempre recordado no rodar implacável do tempo, sem que dentro de nós todos, que te queríamos, que te estimávamos e que te admirávamos, deixe de palpitar para todo o sempre uma pontinha que seja de eterna saudade, aquela saudade intensa que nasce connosco e que todos guardamos um pouco como dádiva preciosa, única «moeda» com que podemos pagar sempre o nosso tributo quando se perde algo de importante, de valor inestimável, como tu, querido amigo, a quem a morte ceifou traiçoeiramente na plenitude de uma mocidade risonha, de quem era lícito esperar um futuro brilhante, como Homem, pois, aliando à tua vocação de desportista nato, tinhas, pelos méritos do teu trabalho, da tua inteligência e do estudo afincado, construído um futuro que se antevia risonho e promissor.

Quantas vezes, meu caro Rochita, te citámos aqui, nestas colunas, quando defendias as cores do teu Sintrense, a quem defendeste com amor, desde juvenil a sénior!

Emocionadamente, ao recordar-te, sabendo que jamais te veremos calcorrear os campos de futebol com o teu espírito ardente, de indómito lutador, com esse ar franzino, medindo as tuas passadas contra adversários mais poderosos fisicamente, mas nunca te intimidando, nunca lhes virando a fronte, lutando até não poderes mais, sinto-me vencido pela amargura de saber, de ter a dura certeza de que já não te veremos mais, nunca mais, a defender o honrado pavilhão do Sintrense!

Devote, Amigo, estas palavras, que tu jamais escutarás!

São palavras simples, mas ditadas pelo coração, com uma lágrima raivosa a escorrer pela face... Chorar um amigo é tê-lo presente. E tu, Rochita, estarás sempre e sempre connosco.

JOSÉ PINTO VASQUES